

ATAQUE ÀS ESCOLAS: VIOLÊNCIA DIRECIONADA ÀS MULHERES E SUA RELAÇÃO COM AS MASCULINIDADES

Thiago Pereira Machado¹
Marina Francisqueto Bernabé²

RESUMO

Este estudo refere-se ao ataque ocorrido em duas escolas de Aracruz-ES, protagonizado por um adolescente de 16 anos, branco, que assassinou quatro mulheres e feriu doze pessoas, a maioria mulheres. Tal evento levanta questionamentos sobre a misoginia e as relações de gênero envolvidas nos ataques em escolas pelo Brasil e suas relações com o modelo de branquitude. Apresentamos aqui a relevância do debate de gênero desde a educação infantil, utilizando-se das ferramentas da Análise Institucional, estudos de gênero e branquitude, pensando no ataque como um analisador dos processos violentos com foco em mulheres. Os perpetradores desses atos violentos são predominantemente homens cis brancos. A proposta deste trabalho é, a partir da análise deste e de outros ataques no Brasil, levantar questões relativas à relação entre armas, violência, masculinidades, branquitude e discurso de ódio em uma sociedade que tem valorizado tais elementos como reconhecimento de uma suposta humanidade. Discute-se o papel dos homens no ganho com a violência que cometem e na relação de um sistema político que produz e incentiva certas características como sinônimo de existência social e valor. A produção das masculinidades, produzida principalmente pelos homens, atualiza uma pressão significativa à aqueles que rompem com a masculinidade hegemônica, frequentemente vistos como “menos homens”. Entende-se a necessidade de construção de políticas públicas transversais que incidam na desconstrução da concepção hegemônica de gênero, que encare o desafio de discutir a construção do

1 Psicólogo, Doutorando e Mestre em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, docente do colegiado de psicologia e medicina da faculdade Multivix - Cachoeiro de Itapemirim-ES. Presidente do CRP 16. Email: thiagopmachadopsi@gmail.com.

2 Psicóloga, Doutoranda e Mestra em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo, psicóloga clínica e na Gerência Estadual de Políticas de Diversidade Sexual e Gênero da Secretaria de Estado de Direitos Humanos do Espírito Santo. Coordenadora da Comissão de Gênero e Diversidade Sexual do CRP 16. E-mail: marinabernabr@gmail.com.

que a sociedade define como “masculino”, está imbricada em processos políticos, educacionais e concepções que foram construídas até aqui.

Palavras-chave: Masculinidades, Escola, Gênero, Identidade de Gênero, Políticas Públicas.